

O mal-estar na civilização: um diálogo entre Freud e Marcuse

Brunno Marcondes de Lima

Psicólogo, mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba.

End.: R. Josiara Telino, 370, bl. 5, ap. 301. Bairro Água Fria. João Pessoa, Paraíba. CEP: 58053-100.

Email: brunno.marcondes@hotmail.com

Resumo

*Uma das questões presentes nos debates do mundo atual é sobre os diversos mal-estares que afligem grande parte da população mundial. O presente trabalho possui como objetivo analisar a questão da civilização a partir de determinados referenciais teóricos encontrados no pensamento de Sigmund Freud e Herbert Marcuse, mais especificamente nas obras **O Mal-Estar na Civilização** de Freud e **Eros e Civilização** de Marcuse. Procuramos em um primeiro momento observar algumas condições para o estabelecimento e o desenvolvimento da civilização em Freud, chegando até a ideia básica definida por este autor sobre o mal-estar que assola os indivíduos em sua vida civilizada. Procuramos levar em conta a interpretação filosófica proposta por Marcuse em relação à teoria psicanalítica, particularmente através dos conceitos de mais-repressão e princípio de desempenho e da extrapolação dos conceitos freudianos. Buscamos realizar uma articulação entre*

o pensamento dos dois autores, destacando algumas possíveis aproximações e distanciamentos entre as duas teorias. Foram verificadas certas diferenças no argumento destes dois autores em relação à problemática da civilização, especialmente na questão do mal-estar na civilização e de algumas possíveis saídas para esse mal-estar. Em Freud parece haver uma repressão básica atuante na civilização, enquanto que em Marcuse fora ressaltada a existência da mais-repressão, uma repressão adicional acrescentada ao processo de desenvolvimento da civilização pelos interesses de dominação.

Palavras-chave: Civilização. Mal-estar. Freud. Marcuse. Psicanálise.

Abstract

*One of the questions gifts in the debates of the current world is on the diverse malaises that afflict great part of the world-wide population. This present work aims to analyse the question of civilization from some theoretical references related to Sigmund Freud and Hebert Marcuse thoughts, more specifically in the work of *The Civilization and its Discontents* by Freud, and *Eros and the Civilization* by Marcuse. In the first moment, we searched for observing some conditions for both stability and developing of the civilization according to Freud, coming even to the basic idea defined by the author about the discontent that attacks individuals in their civilized life. We tried to consider the philosophical interpretation proposed by Marcuse concerning the psychoanalysis theory, particularly through the concepts of more repression and the performance principle and the extrapolation of Freud's concepts. We searched for doing an articulation between the thoughts of both authors, featuring some possible approaches and distances between the two theories. Some differences were found about the argument of these two authors concerning the matter of civilization, specially in the question of the discontent in the civilization and of some possible exits for this discontent. According to Freud, it seems to have a basic repression acting in the civilization, whereas Marcuse evidences the existence of the more repression, which is an additional repression added to the developing process of the civilization by the interests of domination.*

Keywords: Civilization. Discontent. Freud. Marcuse. Psychoanalyse.

O problema do mal-estar na civilização continua sendo muito debatido em nossos dias, como podemos comprovar mediante a observação das muitas discussões que tratam dos sintomas contemporâneos e as preocupações da humanidade em relação ao seu próprio futuro. Alguns autores forneceram uma tentativa de explicação para os males que afligem a vida dos indivíduos na civilização, contribuições que ainda hoje se mostram relevantes e reveladoras. O objetivo deste artigo é destacar alguns pontos considerados importantes nas perspectivas de Freud e Marcuse em relação ao mal-estar na civilização, buscando realizar uma articulação entre as duas perspectivas, observando principalmente os desdobramentos que podem ser encontrados na leitura de Marcuse sobre a teoria freudiana, mais especificamente em sua obra de 1929, **O Mal-Estar na Civilização**, leitura essa que Marcuse colocará à prova em seu trabalho de 1955, **Eros e Civilização**. Devemos observar que Marcuse retoma vários conceitos da teoria de Freud e a leitura que realiza sobre o problema da civilização a partir da formulação freudiana parece conter uma proposta de desenvolvimento destas formulações a partir daquilo que seriam suas supostas “limitações” intrínsecas. Buscando realizar alguns avanços, a interpretação de Marcuse significaria uma leitura da teoria psicanalítica dentro de uma perspectiva crítica a partir de uma análise da sociedade industrial. Evidentemente, os aspectos trabalhados por Marcuse são muitos e não poderiam ser todos revistos aqui. Em resumo, o presente trabalho busca realizar uma articulação entre as duas teorias, ressaltando certos aspectos considerados importantes para o desenvolvimento de cada uma no que diz respeito à questão da civilização e analisar determinadas considerações teóricas que foram propostas por Marcuse em relação à obra de Freud.

Na teoria de Freud (1974a), a civilização é fundada na base de uma renúncia à satisfação pulsional, uma constante repressão das pulsões. O desenvolvimento da civilização pode ser compreendido como um processo peculiar experimentado pela humanidade, caracterizado pelas modificações que ele ocasiona nas habituais disposições pulsionais dos seres humanos, resultando numa certa economia da libido, que para Freud constituiria a “tarefa econômica de nossas vidas” (Freud, 1996a, p.103). Em geral, como afirma Freud (1987, p.16), a civilização “tem de ser defendida contra o in-

divíduo, e seus regulamentos, instituições e ordens dirigem-se a essa tarefa”. A questão fatídica parece residir na possibilidade ou não de conciliar as reivindicações individuais de felicidade e as exigências contidas no processo de desenvolvimento em curso.

Dentre as fontes de sofrimento que ameaçam o ser humano, Freud (1996a) destaca três: o poder devastador e implacável das forças da natureza, a ameaça de deterioração e decadência que vem de nosso próprio corpo, e o sofrimento advindo das relações entre os humanos. O sofrimento advindo desta última fonte talvez seja mais penoso do que qualquer outro, embora tenda a ser considerado como um acréscimo gratuito que poderia facilmente vir a ser resolvido. O princípio de prazer, deste modo, revela-se irrealizável. Mesmo assim, nos avisa Freud, não podemos e nem devemos abrir mão de nossas reivindicações de felicidade.

A energia requerida para o trabalho da civilização é basicamente Eros, portanto, extraída da sexualidade. A repressão da energia pulsional agressiva, repressão necessária para que haja civilização, tende a aumentar a infelicidade através de uma intensificação do sentimento de culpa, podendo levá-lo a atingir proporções difíceis de serem toleradas pelo indivíduo. Mas haveria ainda uma problemática crucial para Freud em relação ao destino da civilização: até que ponto os seres humanos seriam capazes de dominar a sua inclinação à agressividade mútua, antes que a destrutividade exteriorizada, ampliada e tornada muito mais poderosa pelo progresso tecnológico pudesse levar a humanidade à destruição?

Em seu livro **Eros e Civilização** (1999), Marcuse irá trabalhar com algumas das categorias básicas da psicanálise como a repressão, o princípio do prazer e o princípio de realidade, a teoria freudiana das pulsões primárias representadas na imagem de Eros e a pulsão de morte, bem como retomar certas ideias contidas em elaborações anteriores de Freud, caso da hipótese do crime primordial, a analogia entre o desenvolvimento filogenético e ontogenético, e a concepção hidráulica do aparelho psíquico.

Marcuse retoma alguns desses conceitos na tentativa de demonstrar que a teoria Freudiana contém uma dimensão sociológica implícita, uma tendência crítica oculta. Alguns de seus pressupostos, se levados às últimas consequências, permitiriam vislumbrar uma saída diferente para o caráter inevitavelmente repressivo da civilização.

De início, podemos identificar uma diferença básica entre as teorias dos dois autores em relação ao desenvolvimento da civilização. De um modo geral, poderíamos dizer que Marcuse se propõe a pensar e a demonstrar teoricamente as possibilidades de uma civilização não repressiva. A teoria de Freud é bem mais cética em relação a esse aspecto. Apenas em algumas passagens, dentro da bibliografia consultada neste trabalho, podemos perceber algum vislumbre desse tipo. Uma dessas passagens pode ser encontrada nos capítulos finais de **O futuro de uma ilusão** (1987), em que o autor chega a depositar alguma esperança de que o progresso da razão científica pudesse levar o ser humano a criar condições melhores para a sua vida no mundo.

No geral, a tônica predominante na obra de Freud é a contradição entre o princípio de prazer e o princípio de realidade. Essa contradição ocorre por que em seu desenvolvimento, a civilização constrói regras, normas, leis e tabus que irão restringir a livre satisfação das pulsões. Inevitavelmente alguns impulsos serão reprimidos, inibidos em sua finalidade ou sublimados, encontrando outras formas de satisfação. Marcuse, em sua tentativa de demonstrar a tendência crítica oculta da psicanálise, propõe uma releitura da teoria psicanalítica que se oponha às tentativas empreendidas pelos chamados **revisionistas neofreudianos**, pois para Marcuse as possibilidades teóricas para uma superação da equação entre civilização e repressão estariam implícitas na própria teoria psicanalítica.

O ponto principal para Freud talvez esteja na constatação de que as próprias exigências da vida civilizada, de modo geral, seriam em grande parte responsáveis por esse mal-estar que assola o indivíduo na humanidade, pois entram em contradição com as reais aspirações dos indivíduos, gerando perturbações oriundas das exigências pulsionais de satisfação. Uma das diferenças entre o processo de desenvolvimento do indivíduo e o da civilização, de acordo com Freud (1996a), é que para o indivíduo o objetivo da felicidade é mantido em primeiro plano, ao passo que no desenvolvimento da civilização tais objetivos não serão necessariamente considerados. A consequência para o indivíduo é que este experimenta uma quantidade considerável de ansiedade porque não pode ver todos os seus desejos serem realizados e por que as

exigências que a civilização lhe faz são pesadas demais, tidas por ele como um fardo. O objetivo do princípio de prazer mostra-se incompatível com o princípio de realidade que impõe demasiadas restrições para sua realização. A insatisfação crescente no indivíduo tem de ser reprimida e cada nova renúncia à satisfação agressiva é internalizada e transformada em sentimento de culpa, voltando-se contra o ego. Enfim, como nos diz o psicanalista vienense, o preço pago pelo ser humano por um pouco de segurança foi uma parcela de sua liberdade.

Freud não é estranho às desigualdades sociais, chegando a afirmar no texto de **O Mal-Estar na Civilização** (1996a) que uma mudança nas relações de propriedade poderia contribuir para reduzir uma parte do mal-estar global. Mas o fato é que esse problema parece nunca ter sido resolvido nas diversas civilizações que existiram, levando a supor que poderiam existir fatores psíquicos mais profundos que contribuiriam para a manutenção dessas condições. O fator de hostilidade entre os humanos como aparece na inclinação para a agressão é considerado por Freud (1996, p.125) como sendo o maior impedimento à civilização e o problema das relações entre os humanos, que diz respeito à questão ética, como um assunto que pode ser considerado o ponto mais doloroso de toda a civilização.

Se para Freud existe a constatação de que a repressão das pulsões durante a vida do indivíduo é fonte geradora de mal-estar, para Marcuse haveria teoricamente a possibilidade de uma superação desse mal-estar, através, dentre outros fatores, de uma ascendência de Eros sobre a pulsão de morte que pudesse apaziguar as forças destrutivas colocadas em ação por Thanatos. O lugar de manifestação dessas pulsões não poderia ser outro que não a própria estrutura histórica. Uma mudança no princípio de realidade correspondente, ou no “superego cultural” de uma época, alteraria também as exigências restritivas correspondentes, de modo que a própria dinâmica das pulsões seria modificada. O argumento que busca demonstrar os indícios de tal possibilidade é apresentado na segunda parte de **Eros e Civilização** (1999), que expõe os argumentos teóricos e históricos que fundamentariam a perspectiva de uma civilização não repressiva.

A análise de Marcuse buscará demonstrar como, a partir de certos pressupostos implícitos nas proposições básicas da teoria freudiana, poderiam ser encontrados os fundamentos para os desdobramentos teóricos necessários à ultrapassagem dos limites impostos pela própria teoria. É o que Marcuse chamará de **extrapolação** da teoria freudiana, movimento em que a **substância histórica** dos conceitos deve ser retomada. Para Marcuse, “Precisamente por que toda a civilização tem sido uma dominação organizada é que o desenvolvimento histórico adquire a dignidade e a necessidade de um desenvolvimento biológico universal” (1999, p.51). Os conceitos apresentados por Marcuse (1999, p.51) para realizar essa extrapolação foram os de **mais-repressão** e **princípio de desempenho**, que buscam assinalar o componente histórico-social específico dos termos freudianos que supostamente não diferenciam adequadamente entre as vicissitudes biológicas e as histórico-sociais das pulsões.

Procedendo desse modo, o referido autor distingue a **repressão básica**, correspondente às modificações dos instintos necessários à perpetuação da raça humana em civilização, da **mais-repressão**, correspondente às restrições requeridas pela dominação social. Distinguiu também entre o **princípio de realidade**, que subentende o fato fundamental da carência e da necessidade, e o **princípio de desempenho**, que corresponde à forma histórica específica assumida pelo princípio de realidade na civilização industrial e é caracterizado pelo desempenho concorrente de seus membros. Marcuse pretende que essa leitura crítica da teoria de Freud esteja contida no interior dos próprios conceitos psicanalíticos. O caráter supostamente não histórico dos conceitos conteria, pois, o seu oposto.

O próprio Marcuse admite em **Eros e civilização** que a teoria de Freud “impede a construção de qualquer utopia psicanalítica” (Marcuse, 1999, p.125). Por isso mesmo propõe que os seus conceitos devam ser reexaminados para que se possa descobrir se contém ou não elementos que requeiram uma reformulação. Uma das direções em que o problema deve ser reexaminado é dada em parte pela teoria das pulsões de Freud. No campo da teoria psicanalítica, poderíamos destacar o conflito causado pela incompatibilidade entre a livre gratificação das pulsões e as exigências do princípio de realidade e, nesse mesmo contexto, o antagonismo aparentemente irreconciliável entre Eros e a pulsão de morte¹.

Uma parte da atenção de Marcuse (1999, p.202) estará voltada para o problema da pulsão de morte. Em sua teoria, a ascendência de Eros no desenvolvimento da civilização poderia levar a uma redução das manifestações destrutivas. Tendo em vista as características do princípio do Nirvana, o autor afirma que a livre gratificação de Eros resultaria numa diminuição da tensão experimentada pelo aparelho psíquico, reduzindo a necessidade pulsional de morte e sua tendência de retorno à matéria inorgânica.

Marcuse não nega que certo grau de repressão pulsional foi necessário ao desenvolvimento da civilização, mas afirma que o elemento de dominação presente no progresso desta acrescentou mais repressão ao princípio de realidade. Pelo fato de ter havido no desenvolvimento da civilização uma distribuição hierárquica da escassez e da labuta necessária na luta pela sobrevivência, impôs-se também uma atitude existencial específica frente a essa dominação. Na realidade, a dominação estabelecida pelo pai primevo e a internalização da autoridade paterna pelos filhos após o crime primordial prepararam as condições para a dominação posterior, realizada através de agentes sociais específicos e de leis e valores que foram introjetados pelos indivíduos e reproduzidos em cada sociedade.

As restrições pulsionais exigidas pela civilização poderiam ser divididas entre aquelas impostas a todos os seres humanos, resultantes da evolução filogenética e as restrições impostas a uma determinada parcela da população (a maioria) por uma outra parcela menor que a explora. Os sofrimentos e privações impostos às classes oprimidas constituiriam, de acordo com Rouanet (1993, p.115), um *Unbehagen* (mal-estar) intenso e ameaçador, causador de grande parte da frustração pulsional na maioria da população. As promessas de um progresso que viria para trazer bem-estar e satisfação das necessidades humanas para a maioria transformaram-se na irracionalidade de um sistema baseado na produtividade, na ênfase sobre os processos de produção de mercadorias e no consumo, uma forma de organização em que o trabalho alienado poderia ter sido abolido pelo desenvolvimento das forças produtivas, mas não o foi, pois, ao contrário, foram perpetuadas a labuta e a escassez para a maioria da população. De certo modo, em alguns países teria havido uma redução da carência e da necessidade ao menos para uma determinada parcela da sociedade, uma

elevação no padrão de vida e na obtenção do luxo e consumo supérfluos. Em compensação, os controles sobre o indivíduo teriam sido aperfeiçoados e a manipulação da consciência tornada mais eficaz. Neste sistema, o indivíduo vive sua repressão como se fosse livre e até é feliz, muito embora na realidade esteja sujeito à administração total e ao controle e determinação das possibilidades para sua satisfação pulsional.

Nesse ponto, parece importante tocar na questão da referência marxista presente no pensamento de Marcuse, destacada, por exemplo, por Paul Robinson (1971, p. 157), que afirma ser Marx o “herói não reconhecido de **Eros e Civilização**”. O fato do nome de Marx não ter sido mencionado na referida obra teria sido devido a uma estratégia de Marcuse e a tática subjacente em **Eros e Civilização** teria como objetivo pôr de acordo a teoria freudiana com as categorias do marxismo. Tal procedimento não teria resultado numa redução de Freud a Marx, já que na perspectiva de Marcuse a psicanálise abria dimensões críticas que não tinham sido previstas pela teoria marxista. Para Robinson (1971, p.157), o que é impressionante no livro **Eros e Civilização**, é o modo sistemático como Marcuse teria **trasladado** “as categorias não históricas e psicológicas do pensamento de Freud para as categorias eminentemente históricas e políticas do Marxismo”.

De acordo com Robinson (1971), as distinções históricas e sociológicas introduzidas por Marcuse em sua reinterpretação da teoria psicanalítica tiveram o efeito de transformar o que seriam percepções inteiramente não históricas, como a noção de que a civilização é sempre e inevitavelmente repressiva em percepções históricas, habilitando Marcuse a correlacionar a teoria psicanalítica com os pressupostos do Marxismo. Porém, estudos como os de Pisani (2004) demonstram que este aspecto da tese de Robinson (1971) é discutível², já que a ideia de Marcuse (1999, p.68) é de que os aspectos socio-históricos e políticos estariam implícitos nos conceitos da teoria psicanalítica, apresentando-se tão só numa forma petrificada, congelada, cabendo à psicologia desvendá-los. Precisamente por que o desenvolvimento da civilização caracterizou-se por ser uma dominação organizada é que o desenvolvimento histórico havia adquirido a “dignidade e a necessidade de um desenvolvimento biológico universal” (Marcuse,

1999, p.50). O que parece importante no comentário de Robinson sobre Marcuse é a relevância da teoria marxista para a compreensão marcuseana da sociedade.

Alguns aspectos da terminologia utilizada por Marcuse em sua análise poderiam revelar essa aproximação ao pensamento de Marx, como, por exemplo, o conceito de maisrepressão, que poderia ser identificado com a **mais-valia** marxista, “a medida quantitativa da exploração humana sob o capitalismo” (Robinson, 1971, p.158). Para Marcuse, a maior parcela de repressão sexual na civilização moderna era, de fato, maisrepressão, ou seja, repressão a serviço da dominação:

A significação crucial da distinção de Marcuse entre repressão básica e maisrepressão é que propiciou, pelo menos no nível teórico, uma saída para a infeliz equação de civilização com repressão. Em teoria, a sociedade moderna poderia ser aliviada do seu caráter repressivo sem recair, ao mesmo tempo, no barbarismo e no caos – sem dissolver, enfim, o cimento libidinal que mantém a sociedade coesa (Marcuse, 1971, p.158).

Ao argumento de que sem repressão não poderia haver civilização, Marcuse responde buscando distinguir entre a repressão básica, necessária para o desenvolvimento da civilização; e a maisrepressão, que teria caracterizado grande parte do progresso da humanidade, uma repressão que atende aos interesses de dominação e exploração.

Esse mesmo caminho teria sido percorrido por Marcuse no campo teórico, sob um ponto de vista qualitativo, na diferenciação feita entre princípio de realidade e princípio de desempenho. Para Freud, o conflito entre o princípio de prazer e o princípio de realidade corresponderia à diferença entre comportamento não civilizado e comportamento reprimido (civilizado). Marcuse considerou legítima essa distinção, mas argumentou que no período moderno, marcado pela dominação capitalista, o princípio de realidade tinha assumido uma forma particular que exigia mais repressão do que era de fato necessária para a contínua sobrevivência da civilização por si própria. O princípio de desempenho foi o nome dado por Marcuse a essa variante histórica específica do princípio de realidade:

À semelhança da maisrepressão, que podia ser correlacionada com a noção essencialmente quantitativa de mais-valia, de Marx, o princípio de desempenho, sugeriu Marcuse, correspondia à caracterização qualitativa da existência sob o capitalismo, enunciada por Marx, notadamente, as noções de alienação e coisificação (...) Por certo, o princípio de desempenho de Marcuse era um conceito mais inclusivo do que a alienação ou a coisificação (...) Mas, no âmago do conceito, estava a noção de Marx da transformação dos homens em coisas, alienados dos produtos de seu trabalho, do próprio processo de trabalho e de seus concidadãos (Robinson, 1971, p.159).

Marcuse de fato já havia estudado Marx e não seria de estranhar que algumas das proposições do pensamento marxista pudessem ter influenciado o autor de **Eros e Civilização**, mesmo sem o nome de Marx ter sido mencionado no livro. Mesmo concordando com a opinião de Pisani (2004) sobre a questão da presença do marxismo no pensamento de Marcuse, alguns outros aspectos presentes no comentário de Robinson (1971) são interessantes no sentido de uma reflexão sobre as contribuições de Marcuse em relação à temática da civilização.

Uma questão que é destacada por Robinson (1971, p.162) diz respeito à leitura feita por Marcuse da hipótese do crime primordial formulada por Freud. Nesta leitura, o crime primevo teria sido convertido numa espécie de alegoria do sistema capitalista. O resultado mais significativo desse desenvolvimento da teoria de Freud teria sido transferir o ponto crucial do drama primordial da revolta dos irmãos (que marca, na concepção de Freud, o início da civilização) para o estabelecimento anterior da ditadura paterna. Para Marcuse a civilização não começa com a revolta dos irmãos contra a tirania paterna, mas com a fundação do governo do pai sobre os filhos. Esse teria sido o momento histórico em que o princípio de realidade substitui o princípio de prazer.

A questão da dominação, dos governantes e governados, sempre foi causa de muitas inquietações e especulações. Marcuse (1999, p.92) levou em conta a questão da revolta dos irmãos quando se preocupou em compreender porque é que as revoluções

havia sido transformadas em revoluções traídas, visto já ter havido momentos na história em que esses movimentos poderiam ter consolidado a libertação final do ser humano, mas, por diversos fatores, acabaram instalando um novo sistema de dominação. Assim como os irmãos da horda primordial abriram mão do fruto de suas reivindicações e restabeleceram a autoridade paterna por meio da obediência adiada, no desenvolvimento subsequente da civilização, em muitos momentos a possibilidade de libertação teria sido trocada pela implantação de um novo sistema de tirania. Na visão de Robinson (1971, p.162), a revolta dos irmãos tornou-se, para Marcuse, o símbolo da “malograda” revolução proletária. A analogia teria o efeito de sugerir que os descaminhos históricos da revolução proletária era tanto uma questão de poder político e econômico, quanto de psicologia: “Por que o proletariado ainda tinha as cicatrizes psicológicas da ordem paternal-capitalista, no momento da revolução, continuou a identificar-se com o poder contra o qual se revoltava” (Robinson, 1971, p.162). A teoria do crime primordial de Freud servira para lançar luz sobre certos aspectos obscuros contidos no processo de dominação.

Em relação a uma possível articulação entre as teorias de Freud e Marcuse, Robinson (1971, p.166) assinala ainda o sentido diferente que darão Freud e Marcuse à questão da dialética da civilização e do sentimento de culpa. Para Freud, um dos problemas da civilização reside no fato de que para progredir precisa reprimir a sexualidade, tornando-a amor inibido em sua finalidade e, assim, garantindo a formação dos vínculos afetivos necessários para manter unidos os membros de uma comunidade. Além das restrições à sexualidade, os impulsos agressivos também devem ser continuamente reprimidos para que não se transformem livremente em destrutividade externalizada. Daí que a internalização dos impulsos agressivos, necessária para o avanço da civilização, traria como consequência uma perda da felicidade pela intensificação do sentimento de culpa. Eis o drama da civilização: necessita reprimir as pulsões para progredir, mas ao fazê-lo aumenta a insatisfação de seus membros.

Em Marcuse (1999), o sentimento de culpa aparece vinculado à crescente destrutividade interna e externa posta em ação na civilização. Como afirma Robinson, “ele [Marcuse] via a civilização como uma luta dialética entre as forças do Amor e da Morte,

em que a derrota de Thanatos só poderia ser assegurada através da libertação de Eros” (1971, p.166). A libertação da sexualidade de suas determinações repressivas poderia gerar uma nova experiência de gratificação libidinal na civilização, que acabaria por absorver os objetivos da pulsão de morte. Embora Freud (1974a) tenha referido que a tendência egoísta na satisfação é transformada em tendências sociais por uma mescla de elementos eróticos, na obra **O Mal-Estar na Civilização** (1996a) destaca-se a ideia de que uma parte da destrutividade passa pelo processo de repressão e é relativamente controlada através da internalização da energia agressiva e a consequente intensificação do sentimento de culpa (agressividade dirigida ao ego), enquanto que uma outra parte é externalizada sob a forma de inclinação para a agressão. A questão decisiva estaria em saber até que ponto o desenvolvimento cultural dos seres humanos conseguiria “dominar a perturbação de sua vida comunal causada pelo instinto humano de agressão e autodestruição” (Freud, 1996.a, p.147).

Na análise freudiana, a livre manifestação da sexualidade aparece muitas vezes como antagonista aos objetivos da civilização, tendo de ser coagida nas suas manifestações mais primordiais. A vida sexual do ser humano encontrava-se, nesse sentido, severamente prejudicada em sua expressão dentro da moralidade civilizada moderna. Marcuse mantém essa constatação de que a sexualidade do ser humano havia sofrido graves prejuízos durante o progresso da civilização, como foi o caso do estabelecimento da supremacia genital, da insistência na monogamia e na legitimidade e também na redução da sexualidade à sua função reprodutora. O sentimento de culpa ainda existe, mas parece estar mais relacionado às promessas de liberdade que foram abandonadas do que às restrições pulsionais em si próprias. O mal-estar encontra-se obnubilado pelas ofertas da moderna sociedade de massas. Com o declínio da função social da família e os recursos disponibilizados pelo crescente desenvolvimento tecnológico estando mais presente na vida do indivíduo, a consciência passa a ser prematuramente socializada por agências extrafamiliares. A manipulação da consciência na órbita da sociedade industrial é tão eficiente que as leis e valores do princípio de desempenho são introjetadas e aceitas como se fossem leis naturais. A repressão desaparece na ordem objetiva das coisas e a

satisfação das necessidades humanas pode ser administrada por um sistema em pleno funcionamento. A agressividade acumulada não desaparece, mas é lançada no vácuo, pois a dominação já não é usualmente pessoal e o indivíduo reprimido encontra-se com sorridentes colegas de escritório. O sistema de dominação é reproduzido através de um aperfeiçoamento da cadeia de controle.

Marcuse desconfia da liberalização da sexualidade ocorrida na civilização industrial e nas sociedades de cultura de massa, por compreender que tal liberalização corresponderia a uma assimilação da esfera da sexualidade na ordem lucrativa. Acreditava, porém, que a **ressexualização** do corpo e a ulterior transformação da sexualidade em Eros ocasionaria uma modificação na própria experiência existencial da humanidade: ao deixar de ser instrumento de trabalho alienado (o que só poderia ocorrer fora das instituições do princípio de desempenho) o organismo ficaria livre para funcionar dentro de uma **racionalidade da gratificação**, baseada na satisfação universal das necessidades humanas. Segundo Robinson (1971, p.166), Marcuse deu especial importância a essa economia libidinal e uma de suas principais preocupações em **Eros e Civilização** teria sido demonstrar que a sociedade moderna, sob a égide do princípio de desempenho estaria sufocando Eros, conseqüentemente procurando por todos os meios a sua própria destruição. Através desta sua concepção da economia libidinal Marcuse pôde vislumbrar uma saída diferente para o problema da civilização.

É neste ponto que parece consolidar-se um desenvolvimento teórico diverso proposto por Marcuse em relação à teoria freudiana. Com efeito, é na possibilidade de conjeturar teoricamente uma civilização não repressiva que reside boa parte da inovação teórica de Marcuse em relação a Freud.

Ainda de acordo com Robinson (1971, p.168), a linha de argumentação de Marcuse em relação às possibilidades de uma ordem não repressiva teria duas frentes: uma histórica e outra teórica. O argumento histórico diz respeito à questão da automação. No decorrer do processo de desenvolvimento da civilização, a maisrepressão parece ter sempre existido. Essa constatação teria levado Freud a considerá-la como parte da própria natureza da humanidade, uma condição que parecia possuir raízes pulsionais profundas. Marcuse

irá considerar que a maisrepressão não está vinculada necessariamente à luta pela existência, mas sim à organização opressiva dessa luta e à distribuição hierárquica da escassez. No presente estágio de desenvolvimento tecnológico das forças produtivas, a conquista possível da carência torna essa labuta ainda mais irracional.

O argumento de Marcuse de que a automação poderia vir a eliminar a necessidade de trabalho alienado foi fundamental em **Eros e Civilização**. O princípio de desempenho tinha criado as próprias condições para a sua eliminação. Freud havia se mostrado relutante anteriormente quanto à possibilidade de um trabalho que não necessitasse coerção. Em algumas páginas de sua obra intitulada **O Futuro de uma Ilusão** (Freud, 1987, p.17-18), as massas humanas aparecem como resistentes ao trabalho de que necessitava a civilização e somente a coerção por meio de seus líderes poderia fazê-las empenhar-se em tal tarefa. Em uma nota no texto de **O Mal-Estar na Civilização** Freud admite fazer algumas concessões nesse sentido, mas o tom final do discurso permanece o mesmo:

A atividade profissional constitui fonte de satisfação especial, se for livremente escolhida, isto é, se, por meio de sublimação, tornar possível o uso de inclinações existentes, de impulsos instintivos persistentes ou constitucionalmente reforçados. No entanto, como caminho para a felicidade, o trabalho não é altamente prezado pelos homens. Não se esforçam em relação a ele como o fazem em relação a outras possibilidades de satisfação. A grande maioria das pessoas só trabalha sob a pressão da necessidade, e essa natural aversão humana ao trabalho suscita problemas sociais extremamente difíceis (Freud, 1996a, p.88).

Neste sentido, parece problemático pensar em uma ordem não repressiva na civilização. Sempre haverá a necessidade de trabalho na luta pela sobrevivência e, portanto, de uma renúncia na satisfação. A oposição entre princípio de prazer e princípio de realidade aparece novamente como uma necessidade para a continuidade da civilização. Um dos argumentos de Marcuse em **Eros e Civilização** (1999) consiste em que a verdadeira oposição não é entre princípio de prazer e trabalho, mas principalmente entre

princípio de prazer e trabalho alienado. Logicamente que o trabalho sempre exigirá uma parcela de renúncia pulsional, mas essa renúncia poderia causar menos sofrimento caso o tipo de trabalho a ser exercido não impedisse o livre desenvolvimento das faculdades humanas. Nesse tipo de atividade o tempo de trabalho seria reduzido a um mínimo necessário e o tempo de vida seria considerado essencialmente o tempo livre.

Por mais justa e racional que possa estar organizada a produção material, jamais pode constituir um domínio da liberdade e da gratificação; mas pode liberar tempo e energia para o livre jogo das faculdades humanas, fora dos domínios do trabalho alienado (...) a automação total seria o ponto ótimo. É a esfera exterior ao trabalho que define a liberdade e satisfação completa, e é a definição da existência humana de acordo com essa esfera que constitui a negação do princípio de desempenho. Essa negação anula a racionalidade da dominação e, conscientemente, ‘des-realiza’ o mundo modelado por essa racionalidade – redefinindo-o pela racionalidade da gratificação (Marcuse, 1999, p.144).

O argumento de que a satisfação universal das necessidades humanas diminuiria a produtividade e reduziria o nível do padrão de vida de uma parcela da população não é considerado por Marcuse um argumento sustentável. A questão primordial deveria ser a afirmação de uma ordem verdadeiramente humana e racional.

A perspectiva de uma civilização não repressiva foi também fundamentada por Marcuse a partir de certos argumentos teóricos. A negação da ordem estabelecida pelo princípio de desempenho aparece, por exemplo, na análise dos conceitos de fantasia e utopia. A fantasia seria um lugar privilegiado para a realização dos desejos, pois não considera como sendo totalmente válidas as restrições impostas pelo princípio de realidade. Com o progresso da civilização, o valor de verdade da fantasia foi relegado ao segundo plano. Mas o fato das promessas da utopia sobreviverem no imaginário coletivo da humanidade revelaria que a sua função crítica permanece atuante. Essas “verdades” da imaginação sobrevivem também porque o ser humano, em seu íntimo, ainda guarda as promessas de

liberdade que não foram cumpridas. A análise da dimensão estética realizada por Marcuse revela também uma outra atitude existencial possível, um outro modo de ser em que a lógica da dominação deve dar lugar a uma ordem de gratificação. A atitude estética, em seu caráter impulsivo, erótico e lúdico deve reconciliar razão e sensualidade, subvertendo a ordem repressiva existente.

Como um último aspecto do pensamento de Marcuse em relação à possibilidade de uma civilização não repressiva, pode-se destacar o tratamento dado por este autor ao conceito freudiano de sublimação. Em Freud, este conceito está diretamente relacionado com a repressão de impulsos considerados associais (sexuais ou destrutivos) e o deslocamento de sua energia pulsional para atividades aceitas socialmente. Para Marcuse (1999), o processo de sublimação é diretamente influenciado pelos valores sociais estabelecidos. Estes determinam não só quais impulsos devem ser reprimidos como também as formas em que pode manifestar-se. Uma alteração no princípio de realidade poderia alterar substancialmente essa relação. Com o estabelecimento de uma racionalidade da gratificação, a libido narcisista e polimórfica seriam reativadas, mas isto não significaria a impossibilidade de formações culturais resultantes da sublimação. O Eros liberto tenderia ao estabelecimento de relações mais expansivas e duradouras. A sexualidade já não impedida de atingir seu objetivo, ao atingi-lo, transcende-o em favor de uma gratificação mais plena. A esfera sexual, assim ampliada qualitativa e quantitativamente tenderia então a uma autossublimação que corresponderia à função de Eros de agregar as substâncias em unidades cada vez maiores, uma unidade cultural. Marcuse (1999, p.182) denominou **sublimação não repressiva** esse processo que difere da sublimação repressiva atuante na sociedade vigente.

Dentro dessa linha de raciocínio, a racionalidade da gratificação deve conformar-se a uma ordem universal de liberdade. “O próprio indivíduo livre deve originar a harmonia livre entre a gratificação pulsional e a universal” (Marcuse, 1999, p.170). Além disso, se o tempo e energia de trabalho fossem reduzidos a um mínimo, sem uma correspondente manipulação do tempo livre, as bases das restrições impostas pelo princípio de desempenho seriam abaladas. Com a ressexualização do corpo, a libido se libertaria e extravasaria os limites institucionalizados em que é mantida

pelo princípio de realidade estabelecido. A libertação da sexualidade dar-se-ia em um princípio de realidade não repressivo, o que tornaria mais ampla a pulsão sexual e não a mera expressão embrutecida da sexualidade reprimida, pois:

O livre desenvolvimento da libido transformada, dentro das instituições transformadas, embora erotizando zonas, tempo e relações previamente tabus, reduziria ao mínimo as manifestações de mera sexualidade mediante a sua integração numa ordem muito mais ampla, incluindo a ordem de trabalho. Nesse contexto, a sexualidade tende para a sua própria sublimação: a libido não reativaria, simplesmente, os estágios pré-civilizado e infantil, mas transformaria também o conteúdo pervertido desses estágios (Marcuse, 1999, p.178).

Isso implicaria não só em um respeito pela vida humana em todas as situações, como também um trabalho coletivo necessário para a organização dessa nova ordem.

O último obstáculo teórico encontrado por Marcuse em sua releitura da teoria psicanalítica foi o conceito freudiano de pulsão de morte, que aparece como um obstáculo aparentemente intransponível para as pretensões de felicidade do indivíduo na civilização. O próprio fato da morte aparece como uma drástica mutilação do princípio de prazer. Seja enquanto um impulso para a destrutividade externa, seja enquanto sentimento de culpa: “essa característica indestrutível da natureza humana seguirá a civilização” (Freud, 1996a, p.118). Como afirma Rouanet (1993, p.112), por mais que os as pulsões primárias pareçam dominadas, há sempre o risco do ser humano apresentar um comportamento regressivo, em que o irracional retorna, reaparece, inclusive na medida em que implica certa dose de prazer na satisfação. Essa regressão primitiva pulsional aparece, por exemplo, nas manifestações de violência bruta, de racismo e na guerra, através da bestialidade primitiva e da brutalidade demonstrada mesmo entre as nações ditas mais civilizadas. A condição anímica primitiva sobrevive no ser humano moderno.

Para Marcuse (1999, p.203), a ascendência de Eros numa civilização não repressiva reconciliaria o princípio do nirvana com

o princípio de realidade. Nessas condições, o princípio de prazer e o princípio do nirvana iriam convergir, pois o Eros livre da maisrepressão seria reforçado e como que absorveria a pulsão de morte. Caso as pulsões buscassem e atingissem sua realização numa ordem não repressiva, a compulsão regressiva perderia muito de sua racionalidade biológica. A natureza conservadora das pulsões acabaria por repousar num presente realizado em sua plenitude e a morte deixaria de ser uma finalidade das pulsões.

No princípio de realidade repressivo, a morte é utilizada enquanto uma justificativa para uma vida de miséria e sofrimento, ou seja, como um instrumento de opressão. Porque tudo passa, a plena realização do ser humano foi transferida para um plano etéreo. A possibilidade de viver uma vida plenamente realizada é, para Marcuse, uma possibilidade digna de ser perseguida com toda a nossa energia pulsional.

Evidentemente, o intuito deste trabalho não foi o de realizar um julgamento para decidir se Freud estaria certo e Marcuse errado ou vice-versa, mas destacar algumas das contribuições de cada um em relação à questão da civilização. A ideia de Freud de um mal-estar na civilização foi considerada muito importante para a análise desse campo de problemas. A perspectiva de Marcuse pôde trazer elementos importantes para uma análise de alguns fenômenos que se apresentam no âmbito da moderna sociedade industrial, questões que ainda se mostram pertinentes em nossos dias.

Nas últimas décadas, muitos estudos (Bauman, 1998; Birman, 2007; Kaplan, 1993) têm se dedicado a refletir sobre o mal-estar contemporâneo, a partir de diferentes abordagens e enfoques, seja no campo da psicologia, psicanálise ou realizando algum nível de diálogo com a obra freudiana. Uma das questões que chama a atenção nesse debate é o tema dos processos de subjetivação vigentes na atualidade e quais os seus alcances e perspectivas. Entende-se que determinadas características da sociedade contemporânea contribuem significativamente, ou são determinantes, para a produção e vivência de uma subjetividade que em determinados aspectos levam o indivíduo a experimentar a sensação de mal-estar ou provocam

algum tipo peculiar de sofrimento psíquico. Certas configurações ou características nas formas de entrelaçamento social na sociedade afluyente levariam a um tipo de padronização dos comportamentos, afetando diversas esferas da vida, e muitas vezes levando a uma automatização das reações, um “congelamento”, como diria Marcuse (1999, p.67), da psicologia dos indivíduos. Autores como Deleuze e Guatarri (1996) e Rolnik (1996) apontaram para espaços possíveis de produção de subjetividades heterogêneas e formas de apreender as experiências do mundo atual a partir de uma lógica diversa daquela do mercado e da produção de subjetividades em série.

Alguns desses modos de subjetivação vigentes na atualidade parecem atrair a atenção e o desejo do indivíduo, levando-o a compartilhar de determinados esquemas de comportamento que, embora pareçam “naturais”, estão inseridos em uma lógica própria. Essa lógica pode ser evidenciada através de certos tipos de discurso que circulam na sociedade, como nos ensinou Michel Foucault (1979), e também de certas práticas observadas na atualidade, tais como o consumismo, a banalização da violência e a fragilidade dos laços afetivos.

Dentre outras questões, estudos atuais como os de Barros (2002), Birman (2007) e Santiago (1998), procuram levar em conta as manifestações sintomáticas ditas características da época atual, tais como as depressões, as toxicomanias, a chamada síndrome do pânico, além dos sintomas contemporâneos que afetam o papel do masculino frente às transformações ocorridas na sociedade nas últimas décadas. Um dos questionamentos suscitado por Romildo do Rêgo Barros (2002, p.101) é saber se antes (na época de Freud) estávamos sob o regime de um “não faça”, e hoje estaríamos impelidos a um “faça”. De acordo com Birman (2003), o mal-estar nos dias de hoje se evidencia nos registros do corpo e da ação, enquanto que a dimensão da linguagem é empobrecida. Realizando um diálogo com Freud, o sociólogo polonês Zigmund Bauman (1998) afirma que o mal-estar atual é diferente daquele do final da década de 20, uma sociedade em que os indivíduos teriam cedido uma parcela de sua liberdade em troca de um pouco de segurança. De acordo com os estudos de Bauman,

Das Unbehagen in der Postmoderne – os mal-estares, aflições e ansiedades típicos do mundo pós-moderno – resulta do gênero de sociedade que oferece cada vez mais liberdade individual ao preço de cada vez menos segurança. Os mal-estares pós-modernos nascem da liberdade em vez da opressão (Bauman, 1998, p.157, grifo do autor).

A crescente liberdade gera também uma incerteza quanto às escolhas. Mas diferentemente das incertezas modernas, concentradas na identidade individual, a insegurança pós-moderna possui um caráter existencial (Bauman, 1998, p.221). Ela estaria relacionada, dentre outras questões, ao medo de perder uma oportunidade dentre as várias possibilidades de escolha que se apresentam, à busca de viver intensamente as experiências e as sensações. A experiência da liberdade, que implica escolha, gera a incerteza, insegurança, desconfiança da potência de si mesmo. O autor descreve os tormentos experimentados pelos indivíduos nessas condições como estando relacionados a um sentimento nocivo, árduo e repugnante de contínua incerteza no que diz respeito ao futuro (Bauman, 1998, p.239). O ritmo de mudanças rápidas e aceleradas deixa entrever apenas que o futuro é incerto, e que não será como o presente.

Joel Birman (2007, p.151-173), ao referir-se à “psicopatologia da pós-modernidade”, afirma ser esta caracterizada por “[...] certas modalidades privilegiadas de funcionamento psicopatológico, nas quais é sempre o fracasso do indivíduo em realizar a glorificação do eu e a estetização da existência que está em pauta” (Birman, 2007, p.168). Para este autor, é em torno do “autocentramento” e da “exaltação do indivíduo” que está organizada a cultura do narcisismo na atualidade (Birman, 2007, p.169). Porém, diferentemente da modernidade do século XIX, por exemplo, este autocentramento é fundado na **exterioridade** (em detrimento da interioridade), e é valorizado socialmente. Na cultura do espetáculo (Debord *apud* Birman, 2007) o indivíduo encontra modalidades de existir em que pode gozar com a admiração que provoca no olhar do outro. Embora não haja espaço viável para o desenvolvimento de tais questões no presente artigo, esse campo de reflexão parece bem frutífero para os estudos atuais.

Muitas das proposições de Marcuse foram consideradas utópicas, principalmente após os anos sessenta e a aparente dissolução do movimento da contracultura. Algumas objeções teóricas também foram feitas, apontando para determinadas limitações contidas nas elaborações do filósofo alemão. É o caso da crítica realizada pelo professor Bento Prado Jr. (1991, p.29-50) em relação à interpretação realizada por Marcuse, onde afirma que este pensador teria superposto o “alvo” e o “objeto” da pulsão, introduzindo uma espécie de teleologia da Razão, onde o verdadeiro objeto do desejo é a humanidade universal, o *Telos* da história. Hoje, é possível refletir que alguns dos conceitos apresentados por Marcuse continuam se mostrando operativos para a análise da sociedade atual, como é o caso da **mais repressão** e o **princípio de desempenho**. Se a possibilidade de uma civilização não repressiva parece distante, ao menos a constatação feita de uma tendência a um fechamento do universo de oposição presente na ideologia da sociedade industrial parece pertinente. Essa constatação parece impulsionar algumas tentativas de resistência a esse processo de produção seriada de subjetividades.

Tanto Freud quanto Marcuse, em suas teorias sobre a civilização, ressaltaram o mal-estar que acompanhou o desenvolvimento desta, seja concedendo ênfase à repressão das pulsões e o sentimento de culpa, além das ameaças constantes à realização do princípio de prazer, como em Freud, seja destacando o papel da maisrepressão e da estrutura de dominação, como também das possibilidades de superação dessa contradição no caso de Marcuse.

Seguindo a linha de raciocínio proposta por Marcuse (1998, p.109) no texto **A obsolescência da psicanálise** e analisando as condições atuais da sociedade, conforme ressalta Loureiro (1999, p.9), talvez pudéssemos nos questionar se a aparente obsolescência de algumas ideias de Marcuse, como das possibilidades para uma civilização não repressiva, não revelaria, em certa medida, o grau de repressão ainda predominante no desenvolvimento da civilização.

Notas

1. Vale ressaltar que em muitos casos essas duas forças atuam combinadas.

2. Pisani (2004) insiste na importância da relação entre o marxismo e a teoria freudiana para a compreensão do pensamento de Marcuse, mas nega a afirmativa de P. Robinson segundo a qual Marcuse teria tentado realizar uma “síntese” entre Marx e Freud em **Eros e Civilização**. Para esta autora, a mediação entre os conceitos das duas teorias é realizada a partir de uma relação “dialética”, cada uma das teorias apontando para as limitações da outra e a ideia de uma “síntese” simplificaria demais uma análise complexa e fundamentada como a de Marcuse.

Referências

- Aricó, C. R. (1984). *Estudos sobre psicanálise: Epistemologia e política*. São Paulo: Núcleo de Estudos em Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise.
- Barros, R. R. (2002). De que corpo se trata. *Clique: Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano* (1), 96-103.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Birman, J. (2003). Dor e sofrimento num mundo sem mediação. In *Estados Gerais da Psicanálise: II Encontro Mundial*. Rio de Janeiro. Recuperado em 13 Julho 2009 da http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/5c_Birman_02230503_port.pdf
- Birman, J. (2007). *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação* (6ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Deleuze, G., & Guatarri, F. (1996). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. (Vol.3). São Paulo: Editora 34.
- Eagleton, T. (2005). Versões de cultura. In T. Eagleton, *A idéia de cultura* (pp. 9-50). São Paulo: Un.
- Engels, F. (1984). Barbárie e civilização: A origem da família da propriedade e do Estado. In F. Fernandes (Org.), *História* (pp. 319-336). São Paulo: Ática.

- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Freud, S. (1974a). *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (1974b). *Repressão* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol.14). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (1987). *O futuro de uma ilusão* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1927).
- Freud, S. (1996a). *O mal-Estar na civilização* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1929).
- Freud, S. (1996b). *Totem e tabu e outros trabalhos Civilização* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913).
- Freud, S. (1996c). *Por que a guerra?* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1933).
- Guatarri, F. (1990). *As três ecologias* (17^a ed.). Campinas, SP: Papyrus.
- Guatarri, F., & Rolnik, S. (1993). *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Hobsbawm, E. (1995). *Era dos extremos: O breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Kaplan, E. (Org.). (1993). *O mal-estar no pós-modernismo: Teorias e práticas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Loureiro, I. (1999). *Herbert Marcuse: A grande recusa hoje*. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Marcuse, H. (1973). *A ideologia da sociedade industrial: O homem unidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Marcuse, H. (1998). *Cultura e sociedade* (Vol.2). São Paulo: Paz e Terra.
- Marcuse, H. (1999). *Eros e civilização*. Rio de Janeiro: LTC. (Originalmente publicado em 1955).
- Marcuse, H. (2001). *Cultura e psicanálise*. São Paulo: Paz e Terra.
- Marx, K. (1984). Trabalho alienado e superação positiva da auto-alienação humana: Manuscritos econômico-filosóficos de 1844. In F. Fernandes (Org.), *História* (pp. 146-164). São Paulo: Ática.
- Mezan, R. (1986). *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- Pisani, M. M. (2004). Marxismo e psicanálise no pensamento de Herbert Marcuse: Uma polêmica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 4 (1), 23-64. Recuperado em 25 maio 2007 da <http://www.unifor.br/notitia/file/167.pdf>.
- Prado, B., Jr. (1991). Entre o alvo e o objeto do desejo: Marcuse, crítico de Freud. In B. Prado Jr. (Org.), *Filosofia da psicanálise* (pp. 28-50). São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 28-50.
- Robinson, P. (1971). *A esquerda freudiana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Rolnik, S. *Esquizoanálise e antropofagia*. Texto apresentado no colóquio Encontros Internacionais Gilles Deleuze, Brasil, 10-14 de junho de 1996. Recuperado em 24 agosto 2009 da <<http://stoa.usp.br/gustavob/files/1186/6773/Esquizoan%C3%A1lise+e+Antropofagia.pdf>
- Rouanet, S. P. (1986). *Teoria crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Rouanet, S. P. (1993). *Mal-estar na modernidade: Ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Santiago, J. (1998). *Sintomas contemporâneos no masculino: Relatório do Iº Congresso da Associação Mundial de Psicanálise*. Redigido sob a responsabilidade da Sessão Minas Gerais da Escola Brasileira de Psicanálise. Barcelona: Escola Brasileira de Psicanálise.

Starobinski, J. (2001). A palavra civilização. In J. Starobinski, *As máscaras da civilização: Ensaio* (pp. 11-56). São Paulo: Companhia das Letras.

Recebido em 12 de outubro de 2009

Aceito em 19 de outubro de 2009

Revisado em 25 de outubro de 2009